

Experiências ciberfeministas na pesquisa-formação na cibercultura¹

Edméa Santos²

Raquel Silva Barros³

Janaína Rodrigues de Freitas Machado Eduardo⁴

Resumo

O trabalho aqui apresentado tem por objetivo expor parte das pesquisas desenvolvidas junto ao Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, liderado pela professora Edméa Santos (UFRRJ). O grupo se alicerça e se gesta junto aos estudos da cibercultura na formação de professores e, apresenta aqui, o ciberfeminismo, fenômeno da cibercultura, como um braço das pesquisas realizadas. Descrevemos uma pesquisa de doutorado que está investigando a tessitura de conhecimentos de direitos sexuais e reprodutivos em uma escola pública em Volta Redonda/RJ e uma pesquisa de pós-doutorado que buscou compreender a criação de clubes de leitura online e apresenta um novo dispositivo de pesquisa-formação criado no âmbito extensionista da UFRRJ. Apresentamos ainda o aporte teórico-metodológico dos nossos estudos, a pesquisa-formação na cibercultura e conceitos relativos ao ciberfeminismo que vem sendo estudados junto ao grupo.

Palavras-chave

ciberfeminismo; pesquisa-formação; educação online; cibercultura.

Introdução

O presente texto tem como premissa apresentar a temática em torno da mesa coordenada Ciberfeminismos e Educação composta por uma professora universitária (líder do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDoC), uma pós-doutoranda e uma doutoranda que atuam junto ao Programa de Pós-Graduação de Pós-graduação em Educação, contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc) da Universidade Federal

¹ Trabalho apresentado no Eixo 11 - Tecnologias digitais, gênero e diversidade do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 27 de novembro a 01 de dezembro de 2023.

² Professora Titular-livre, UFRRJ, Instituto de Educação, *campus* Seropédica/RJ; edmeabaiana@gmail.com

³ Pós-doutoranda em Educação, PPGEDuc/UFRRJ; raquelsb23@gmail.com

⁴ Doutoranda em Educação, PPGEDuc/UFRRJ; janainaeduardo@yahoo.com.br

Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O ciberfeminismo se gesta como um dos eixos de estudo de uma pesquisa institucional que vem sendo desenvolvida com apoio e financiamento do CNPQ e FAPERJ que tem como objetivo compreender as formas de prática de educação online na pós-graduação *Stricto Sensu* no contexto da pesquisa-formação na cibercultura nacional e internacionalmente.

O ciberfeminismo é um dos desdobramentos da pesquisa institucional que conta com a co-autoria de bolsistas de iniciação científica, mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos do Grupo de Pesquisa GPDoC. A atuação de mulheres coabitando os meios tecnológicos na interface cidade-ciberespaço em movimentos plurais e horizontais em busca de saírem do lugar de silenciamento é considerado, para nós, um fenômeno da cibercultura. As diferentes pautas dos movimentos feministas advém do fato de que “mulher” não é uma categoria universal e que as opressões sexistas operam e são entendidas pelos sujeita/e/os de diferentes formas. Nesse sentido, buscamos compreender as relações estabelecidas por mulheres e aliade/os rumo ao alcance da conquista de espaços que estabeleçam diálogos tensionando as desigualdades que permeiam as conexões que envolvem gênero interseccionados à raça, classe e sexualidade.

Metodologicamente, bricolamos nossas operações conceituais com os estudos das epistemologias das práticas de Paulo Freire (2021) e Marie-Christine Josso (2007), com ênfase na abordagem multirreferencial de Jacques Ardoino (1998), Roberto Sidnei Macedo (2000) e Edgar Morin (1999), as pesquisas com os cotidianos Nilda Alves (2001), Michel de Certeau (2014), feminismo interseccional e negro Carla Akotirene (2019), Sueli Carneiro (2019) e bell Hooks (2021) e a cibercultura com os estudos de Lúcia Santaella (2013), André Lemos (2002), Edméa Santos (2019).

Compreendemos que não devemos apartar a pesquisa acadêmica do cotidiano de nossas ações educacionais. Desta forma, pesquisamos em contextos de docência-pesquisa-docência com vistas à formação de praticantes envolvidos na pesquisa, na criação de currículos online, na atualização do método da ciberpesquisa-formação e, ainda, na

mobilização de saberes.

Para arquitetar as discussões presentes neste texto, apresentamos a pesquisa de doutorado em andamento realizada por Janaína Rodrigues que investiga a tessitura de conhecimentos de direitos sexuais e reprodutivos no cotidiano escolar. E, discorremos sobre o desenho didático do dispositivo da pesquisa de pós-doutorado, também em andamento, de Raquel Barros que tem como foco forjar atos de currículo através da criação do dispositivo de pesquisa-formação, o Clube de Leitura Ciberfeministas. Finalmente, encerramos a discussão apontando as premissas que se movimentam num processo espiralar de intersecção com o projeto maior, a pesquisa institucional, em que se inicia a apresentação deste texto.

A mediação de conversas sobre a violência de gênero no Google Meet

Narramos, a seguir, o círculo cibercultural realizado no Google Meet, a partir da mediação de conversas sobre o aumento da violência de gênero na pandemia de Covid-19. A experiência emergiu em uma pesquisa de doutoramento em andamento no PPGEDuc/UFRRJ, que está investigando a tessitura de conhecimentos de direitos sexuais e reprodutivos em uma escola pública localizada no município de Volta Redonda/RJ. O círculo cibercultural, principal dispositivo metodológico desta ciberpesquisa-formação (SANTOS, 2019), materializou-se sob a inspiração dos círculos de cultura desenvolvidos pelo educador Paulo Freire na década de 1960, na alfabetização de trabalhadores rurais (FREIRE, 2021).

Em um movimento anterior, havíamos cocriado um mural interativo no Padlet, a partir da mediação de conversas sobre a Lei da Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na adolescência na escola. A experiência possibilitou que os praticantes associassem a violência de gênero à gravidez na adolescência, disparando a ideia de realizarmos um círculo cibercultural sobre a violência patriarcal, na perspectiva interseccional, com base nas contribuições de Akotirene (2019) e Carneiro (2019). A iniciativa apresentada em uma

reunião pedagógica obteve apoio institucional, pois uma das pautas era justamente a proposição de ações educativas voltadas à discussão das relações étnico-raciais.

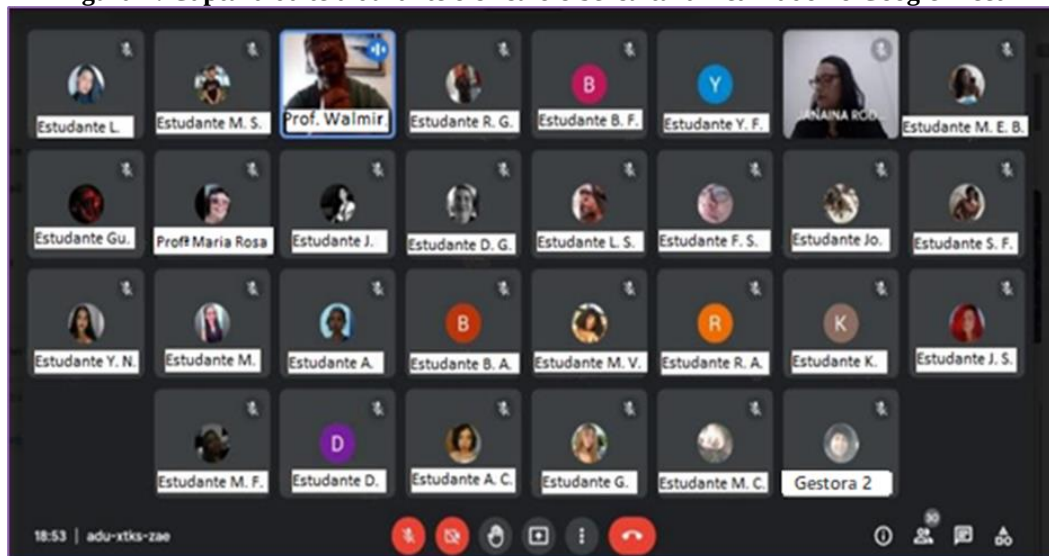
O ato de currículo que mediamos foi importante devido há necessidade de considerarmos que “vivemos num país em que o racismo estrutural exclui historicamente os povos afro-brasileiros e essa prática afeta diretamente a inserção de pessoas negras em instâncias mais globais de inclusão social” (SANTOS, 2022, p. 21). Nessa linha de pensamento, contando com as contribuições do estudo de Fernandes, Santos e York (2022, p. 59), no qual as autoras mapearam práticas ciberfeministas no Instagram, somos convidados a repensar alguns aspectos da educação brasileira, imersa em uma economia capitalista em que, “histórica e culturalmente, o trabalho reprodutivo, o sexual e o de cuidados relacionados aos corpos das mulheres”, se deu sob a lógica da exploração, controle e submissão, acentuando as desigualdades inerentes a esse sistema com o acréscimo de outras opressões, como o colonialismo e o cisheteropatriarcado. As autoras ainda indicaram a necessidade de reflexão sobre como os sistemas de opressão sexista, classista, racista e territorial operaram na pandemia, pois as violações contra meninas e mulheres, negras e pobres ficaram mais evidentes no período.

Partindo desses pressupostos, os professores de Biologia, Geografia e Sociologia planejaram as ações educativas que deveriam ser realizadas previamente, como a orientação da busca de dados sobre a temática e a produção de textos. O círculo cibercultural foi realizado no Colégio Estadual Rio de Janeiro, em novembro de 2021, no Google Meet, com a participação dos seguintes praticantes: três professores, uma gestora e 22 estudantes matriculados no Ensino Médio. Apesar das críticas dirigidas às grandes empresas do ramo da tecnologia e dos riscos da plataformização e dataficação em curso, optamos pelo uso consciente e intencional do Google Meet, um dos poucos recursos ofertados pela rede de ensino no período da pandemia de covid-19.

Após o cumprimentos iniciais, introduzimos a discussão sobre os 15 anos da Lei Maria da Penha e os diferentes tipos de violência doméstica: psicológica, moral, patrimonial,

física e sexual. As conversas sobre a violência sexual, que aflige predominantemente, meninas e adolescentes negras, até 13 anos, abordaram a Lei do “Minuto seguinte”, nº. 12.845/2013, que assegura a prioridade de atendimento médico e psicológico às vítimas, além das profilaxias de HIV e gravidez, antes do Registro de Ocorrência. O encontro aconteceu no período de ensino híbrido, no contraturno, em consideração ao afastamento de professores e estudantes com comorbidades das atividades presenciais (Figura 1).

Figura 1: Captura da tela durante o círculo cibercultural realizado no Google Meet



Fonte: Acervo pessoal de Janaína Rodrigues (2021).

No que tange à relação entre emprego/renda e a violência de gênero, a pesquisa de dados no *Atlas da Violência* (IPEA, 2019) possibilitou a discussão sobre a incidência de casos em todas as classes sociais, pois mesmo as mulheres autossuficientes economicamente podem sofrer violência patriarcal. Após o episódio de violência, a queda na renda da família é acentuada, pois algumas mulheres precisam faltar ao serviço para tratarem as lesões ou por vergonha, para não mostrarem as marcas em seus corpos. Desse modo, algumas vítimas de violência podem ser demitidas, enquanto que, outras mulheres são compelidas a deixar os empregos por medo do agressor. O Quadro 1, apresenta os fatores relacionados à violência

contra as mulheres e os fatores relacionados ao aumento dos casos durante a pandemia.

Quadro 1: Fatores relacionados à violência contra as mulheres

FATORES RELACIONADOS À VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES	FATORES AGRAVANTES NO CONTEXTO DA PANDEMIA
- Desigualdade de gênero; - Sistema Patriarcal; - Cultura machista; - Misoginia.	- Isolamento social; - Impacto econômico; - Sobrecarga do trabalho reprodutivo das mulheres; - Estresse e outros efeitos emocionais; - Abuso de álcool e outras drogas; - Redução da atuação de serviços de enfrentamento.

Fonte IPEA (2020).

O medo está entre as principais causas que levam as vítimas a não denunciarem, seguido pela sensação de impunidade, a dificuldade de acesso à justiça, delegacias de mulheres, a dependência econômica e emocional e a preocupação com o futuro dos filhos. Para colaborar no entendimento da questão da perpetuação do ciclo da violência patriarcal nas famílias e até mesmo das recidivas, afinal algumas vítimas desistem de denunciar quando o abusador promete que a agressão não voltará a acontecer, trago a contribuição de hooks (2021, p. 65), que salienta o fato de que:

Em nossa cultura, muitos homens nunca se recuperam da crueldade sofrida na infância. Estudos demonstram que, na ausência de cuidados, homens e mulheres violentamente humilhados e abusados são constantemente propensos a ser disfuncionais e predispostos a abusar dos outros violentamente.

Diante do exposto nas linhas anteriores, consideramos que foi importante conversarmos sobre o forte marcador de raça nos casos de feminicídio, considerando-se que em nosso país, as mulheres negras são as maiores vítimas desse crime. A pesquisa prévia possibilitou que os praticantes discutissem o impacto da violência na renda familiar, pois as vítimas são demitidas quando faltam o serviço para tratar as lesões ou por vergonha das marcas, enquanto, outras mulheres podem ser compelidas a deixar os empregos por medo do

agressor.

A mediação das conversas com os praticantes culturais do colégio no círculo cibercultural sobre o aumento da violência patriarcal no período pandêmico, também favoreceu a discussão da influência do capitalismo na manutenção do racismo e das opressões sexistas (violência, controle dos corpos e sexualidade). Sendo assim, a leitura interpretativa dos dados produzidos no encontro foi feita, a partir da abordagem interseccional, considerando-se que, as imposições do cisheteropatriarcado afligem sobretudo, as mulheres negras, trans e pobres. Observamos ainda, que precisamos mediar mais conversas e orientar a busca de informações para aprofundar o debate do tema na escola, pois identificamos que os estudantes apresentam dúvidas sobre as implicações da Lei Maria da Penha, Lei nº11.340/2006 e da tipificação do crime de feminicídio, evidenciando a necessidade de ampliarmos as redes de conversações e o desenvolvimento de outras ações pedagógicas no futuro.

Clube de Leitura EscreVivências Ciberfeministas e seu desenho didático online

Desde 2020 estamos acompanhando ações desenvolvidas através de clubes de leitura online que trazem para a arena de discussões obras literárias femininas. Mulheres, professoras, artistas, mães, candomblecistas acionam redes de contato e interesses em comum através de suas contas nas redes sociais digitais para pensar e construir sentidos a respeito de questões feministas por meio de ações e práticas formativas. Essas práticas cotidianas acontecem na relação *cidadeciberespaço* e são o produto de ações interconectadas dos seres humanos e os objetos técnicos que acontecem fora do âmbito formal de educação. A cibercultura é a cultura contemporânea relacionada aos processos comunicacionais de produção e circulação de informações e saberes em rede na interface cidade-ciberespaço (SANTOS, 2019).

Em 2023, iniciamos uma pesquisa no Estágio de Pós-Doutorado junto à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro que teve como objetivo forjar atos de currículo através da criação de um novo dispositivo de pesquisa-formação, o Clube de Leitura EscreVivências Ciberfeministas. O clube, que oferecido em sua primeira edição com as mediações das professoras Edméa Santos e Raquel Barros e do graduando em Letras pela UFRRJ, Marcos Vinícius Menezes, investigou os fenômenos ciberculturais que emergem na relação cidade-ciberespaço (SANTOS, 2019).

A observação de diferentes fenômenos forjados por mulheres a partir de uma etnografia online configurou-se como a primeira fase da pesquisa. Buscamos, a partir do acompanhamento de ações no Clube de Leitura da Manu, organizado e estruturado por Manuela D'Ávila, compreender como o fenômeno de clubes de leitura online aconteciam e, a partir da observação e participação como praticante cultural compreender como mulheres e aliadas forjam etnométodos para, a partir do encontro com o outro, geograficamente dispersos, cocriarem e trocarem saberes e competências no ciberespaço.

A segunda fase da pesquisa aconteceu no segundo semestre de 2023. A partir do aprendizado na/com a cultura, materializamos um novo dispositivo de pesquisa-formação dentro do contexto do Grupo de Pesquisa (GPDOC). O propósito estava em contribuir para a formação leitora crítica e criativa de discentes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e docentes da rede pública de ensino através da interação, debate e troca de saberes e vivências cotidianas.

O cronograma de ação do clube teve duração de dois meses com encontros que aconteceram semanalmente. O curso foi sendo ofertado para cinquenta participantes e aconteceu em seis encontros online, que tiveram início em outubro de 2023 e um encontro presencial que aconteceu ao final da oferta, em dezembro do mesmo ano. O primeiro encontro foi dedicado à apresentação da proposta e da obra escolhida para leitura e os demais dedicados à conversa e debate sobre os contos presentes na obra, Olhos d'água de Conceição Evaristo. O encontro presencial foi dedicado a produções artísticas em grupo com uma professora arte-

educadora convidada. O clube acontece em parceria com a Escola de Extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, oferecendo uma certificação ao final dos encontros.

Edificar ações voltadas para a materialização de atos de currículo requer pensar em situações para a construção de um dispositivo que alcançará uma possibilidade formacional focando na autoria dos discentes e docentes. Para tanto, buscamos na primeira oferta do nosso clube, trabalhar com ambientes online constituídos por interfaces que propiciam a imersão, a colaboração e a interatividade. O cenário sociotécnico atual é marcado pelo uso do digital em rede que propicia arranjos comunicacionais que potencializam a docência e a aprendizagem, o que favorece a cooperação mútua entre todos os participantes. Na Figura 2, temos a captura de tela do encontro de despedida e encerramento do clube de leitura que contou com as presenças dos professores Cristiano Santana e Isadora Souza da Silva.

Figura 2: Último encontro no Clube de Leituras Ciberfeministas



Fonte: Acervo do GPDoC (2023).

A composição do desenho didático do clube se hibridizou com interfaces de conteúdos que são “dispositivos que permitem produzir, disponibilizar, compartilhar

conteúdos digitalizados em diversas linguagens: texto, som e imagens” e interfaces de comunicação que são as que “contemplam a troca de mensagens entre os interlocutores do grupo ou da comunidade de aprendizagem” (SANTOS, 2010, p. 38-39). Estas (utilizadas no nosso desenho didático) podem ser síncronas, já que acontecem em tempo real (webconferência na plataforma RNP) e assíncronas por permitir a comunicação em tempos diferentes (mensagens por WhatsApp, diálogos no Instagram, fóruns do Moodle e comentários no Padlet).

Diante dessa prerrogativa, detalharemos, a seguir, as interfaces e plataformas utilizadas para as ações do clube.

- **Moodle** - Diante de suas diversas interfaces disponibilizadas, a plataforma Moodle se destaca por proporcionar a possibilidade de mediar um processo de ensino-aprendizagem de forma interativa através das potencialidades de suas interfaces comunicacionais síncronas e assíncronas. Utilizamos fóruns, páginas informativas, hiperlinks e recursos midiáticos como podcasts, vídeos e imagens.
- **Instagram** - Escolhemos esta rede social por percebemos que inúmeras dinâmicas sociais estão atravessadas por esta interface de interação e comunicação. Divulgamos as ações do clube semanalmente por lá e dialogamos com os praticantes culturais e sujeita/e/os interessados.
- **WhatsApp** - O aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp possibilita uma comunicação mais direta entre os praticantes culturais do clube. Informações, discussões, convites e compartilhamentos em geral ocorrem nesse ambiente.
- **Padlet** - Mural virtual dinâmico e interativo onde os participantes podem colaborar com sugestões, diálogos e compartilhar hiperlinks os mais diversos. Inauguramos três murais: um mural com frases marcantes de cada conto

estudado na obra; um mural com assuntos relacionados à autora, Conceição Evaristo; um mural de sugestões de filmes, eventos e outros.

- **RNP** - Plataforma de videoconferência que possibilita interações online e trabalho colaborativo. Utilizamos a plataforma semanalmente para os encontros síncronos que ocorrem com duração de cerca de uma hora e meia para conversa e debate sobre a obra estudada no clube. Através do acesso federado é possível ter acesso aos inúmeros recursos que a plataforma oferece.

A representatividade de mulheres no cenário social é marcada por um histórico de desigualdades em diversas áreas do conhecimento. A luta pela obtenção de espaços e pelo reconhecimento de suas conquistas pessoais, políticas e econômicas é marcada pelo confronto com o pensamento e ações sexistas. Na literatura, ocupar um lugar seja como autora ou protagonista é não menos uma conjunção que enfrenta entraves históricos.

Reconhecemos o ciberespaço como um espaço multirreferencial de aprendizagem. Esses espaços constituem-se em ambiências formativas no momento em que os praticantes culturais possuem sua alteridade reconhecida, “sentindo-se implicados numa produção coletiva, dinâmica e interativa que rompa com os limites do espaço geográfico e do tempo” (SANTOS, 2022, p. 79).

Ciclos que se inter cruzam

Buscamos as singularidades das experiências que se constroem a partir do encontro de mulheres que leem, debatem e cocriam experiências com outras mulheres e aliadas e, ainda, identificam as semelhanças, a potência das narrativas para assim “perceber laços que tecem uma expressiva percepção comum” (COSTA, 2018, p. 47).

Nesse sentido, apresentamos duas experiências de pesquisa-formação realizadas junto ao Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, liderado pela professora Edméa Santos junto à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Um dos braços das pesquisas realizadas

que convergem para os estudos do ciberfeminismo é apresentado aqui a partir da descrição das duas ciberpesquisas-formação (SANTOS, 2019) apresentadas.

A primeira pesquisa está investigando a tessitura de conhecimentos de direitos sexuais e reprodutivos com estudantes e professores do Colégio Estadual Rio de Janeiro, localizado no interior do estado do Rio de Janeiro. Metodologicamente, o estudo se fundamenta nos pressupostos da Educação Online (SANTOS, 2020) em diálogo com o pensamento de Paulo Freire e teóricas do feminismo interseccional. No recorte da pesquisa apresentado neste texto, narramos a experiência vivenciada no círculo cibercultural realizado no Google Meet com a mediação de conversas sobre o aumento da violência de gênero na pandemia de covid-19, enquanto discorremos sobre as categorias de classe e raça que interseccionam essa questão. Os círculos ciberculturais, principal dispositivo metodológico deste estudo, emergiram no período de emergência epidemiológica, sob a inspiração dos círculos de cultura freireanos desenvolvidos na década de 1960.

A segunda pesquisa apresentou o dispositivo intitulado Clube de Leitura EscreVivências Ciberfeministas como uma possibilidade de ambiência formacional na cibercultura que ofereceu sua primeira oferta no segundo semestre de 2023 com o estudo da obra literária Olhos d'água de Conceição Evaristo. O objetivo estava em na perspectiva de pensarmos em estratégias e papéis de atuação, repertórios e formas de engajamentos de sujeita/e/os em uma sociedade cisheteropatriarcal.

Resultados e esforços de compreensão dos estudos sobre o ciberfeminismo vêm sendo publicados em livros e artigos bem como apresentados em eventos como este. Compreendemos a importância de divulgarmos nossos trabalhos e convidamos os leitores a navegarem em nossas produções acadêmicas. Nossos principais canais de contato são: <https://www.edmeasantos.pro.br/> (site-acervo pessoal da professora Edmea Oliveira Santos), <https://www.youtube.com/c/GPDOCRURAL> (página no Youtube) e @gpdocrural (página do Instagram).

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Série Feminismos plurais.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. (org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p. 24-41.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2001. p. 13-38.

BARROS, R. S. **Midiativismo imagético nas fanpages de ocupações secundaristas**. Rio de Janeiro. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.unirio.br/ppgedu.jpg/teses/1f4c2repositorio-de-teses/1f4c22020/14_tese-ppgedu-raquel-silva-barros/view . Acesso em nov. 2023.

BARROS, R. S. Pesquisa com narrativa visual: um relato de experiência em ocupações estudantis secundaristas. Revista Cenas Educacionais, v. 4, p. 1-22, 2021. Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=RP62XCoAAAAJ&citation_for_view=RP62XCoAAAAJ:d1gkVwhDpl0C . Acesso em nov. 2023.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, H.B. (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 313-321.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 2014.

COSTA, C. Rede. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (org.). **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 43-60.

FERNANDES, T.; SANTOS, E.; YORK, S.W. Dispositivos ciberfeministas no Instagram: as autorias educ-ativas em contexto de covid-19. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 59-80, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/45468> . Acesso em nov. 2023.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 50 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, B. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2019**. Brasília: Ipea; FBSP, 2019.

INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. **Políticas públicas e violência baseada no gênero durante a pandemia da covid-19: ações presentes, ausentes e recomendadas**. Nota técnica nº 78, de Joana Alencar, Paola Stuker, Carolina Tokarski, Iara Alves, Krislane de Andrade. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais. Brasília, jun., 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/161/politicas-publicas-e-violencia-baseada-no-genero-durante-a-pandemia-da-covid-19-acoes-presentes-ausentes-e-recomendadas> . Acesso em mar. 2023.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741> . Acesso em abr. 2022.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MACEDO, R.S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MORIN, E. da necessidade de um pensamento complexo. In: MACHADO, J. (org.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina:Edipucrs, 1999.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, E. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. **Revista Docência e Cibercultura**. Notícias, agosto de 2020, online. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119> . Acesso em mar. 2022.

SANTOS, E. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In:

SILVA, M.; Pesce, L.; ZUIN, A. **Educação Online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010. p. 29-48.

SANTOS, E. **Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes**: narrativas de uma mulher durante a pandemia de Covid-19. São Carlos: Pedro&João Editores, 2022.

SANTOS, E. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: UDUFPI, 2019.

SEGATA, J.; RIFIOTIS, T. Apresentação. Cibercultura e Políticas Etnográficas. In: **Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura**. Brasília: ABA Publicações, 2016.

Disponível em:

https://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/Pol%C3%ADticas_Etnogr%C3%A1ficas_no_Campo_da_Cibercultura.pdf . Acesso em 03 jan. 2024.